

O Mito de Édipo

Maria Christina de Caldas Freire Rocha

Abstract:

The myth of Edipus is interpreted by the permanent systems of the myth structure. This permanences were identified by a tabulation of the systems and the subsystems found on variant of ancient contextual narratives.

"Os fados fizeram com que a Grécia, em todas as dimensões, guardasse a lembrança dos sofrimentos de Édipo", diz Pausânias¹, ao procurar expressar a difusão deste mito, na antiguidade grega.

Nos textos antigos, gregos e romanos, os relatos sobre o mito de Édipo — ou que a ele fazem referência — apresentam-se variáveis entre si. Não há dois relatos idênticos, inclusive quando um mesmo autor construiu duas ou mais narrativas sobre ele, ou a ele se referiu, como se verifica em Píndaro, Homero, Sófocles, Hesíodo e Eurípides². Tantas variações tornam necessária a identificação dos elementos que se mantiveram permanentes nestes relatos, uma vez que neles encontra-se o fundamento básico do mito, mantendo-o, íntegro, em sua essência. Para identificação destas permanências construiu-se uma tabulação diacrônica dos textos antigos utilizados, realizada na seguinte ordem cronológica dos autores e de suas obras:³

- Séc. VIII a.C.: a *Iliada* e a *Odisséia*, de Homero; a *Edipodia*, a *Tebaida* cíclicas e o *Epígonos*.
- Séc. VII a.C.: *Catálogo das Mulheres*, *O Escudo*, *Os Trabalhos e os Dias*, e a *Teogonia*, de Hesíodo.
- Séc. VI a.C.: Frs. de Epimênides (ci. 600 a.C.) e de Hecateu (ci. 546 a.C.).
- Séc. V a.C.: Frs. de Férecidas (ci. 480 a.C.); as *Olímpicas* e as *Píticas* (respectivamente 476 e 462 a.C.), de Píndaro; Frs. de Corina (470 a.C.) e de Helânico (495-411 a.C.); *Os Sete contra Tebas* (467 a.C.), de Ésquilo; *Histórias* (454 a.C.), de Heródoto; *Édipo-Rei* (420 a.C.), *Édipo em Colono* (409 a.C.), de Sófocles; *As Suplicantes* (424 a.C.) e *As Fenícias* (409 a.C.), de Eurípides e *As Rãs* (409 a.C.), de Aristófanes (3).

- Séc. III a.C.: *O Resumo de Pisandro* (data incerta).
- Séc. I a.C.: *Biblioteca de História* (ci 60 a.c.), de Diodoro Sículo e *Fábulas*, (ci de 20 a.C.), de Higino.
- Séc. I d.C.: *Édipo* (ci de 30 d.C.), de Sêneca:
- Séc. II d.C.: *Descrição da Grécia* (ci 174 d.C.), de Pausânias, *Deipnosophistas* (160-222 d.C.), de Ateneu, de Naucratis, *Biblioteca e Epítome* (ci. 140 d.C.) de Apolodoro.

Pela tabulação construiu-se o conjunto de sistemas e subsistemas existentes em todos os relatos citados, a saber:

1. *Linhagem*: condição e status do herói na sociedade em que atuou. Desdobra-se em um subsistema:
 - 1.1. Ramo: ramificação da linhagem a que pertencia.
2. *Filiação*: condição do herói em sua linhagem, pelas ascendências paterna e materna.
3. *Nascimento*: condições de legitimidade ou não do herói na organização social e política de sua cidade. Permite que se conheçam as possíveis relações do herói com processos de usurpação do poder.
4. *Expulsão* - *Exposição I*: discussão da existência ou não de transgressões na concepção e no nascimento do herói.
representa sua retirada do "centro" de sua cidade. Pode ou não representar ritos de iniciação, por sua exposição em montanha, floresta, mar, rio ou por sua descida ao mundo ífero, onde estaria entregue a forças estranhas às de sua linhagem e às de sua cidade. Este sistema desdobra-se num subsistema:
 - 4.1. Mutilação I: mutilação física do recém-nascido ao ser exposto. No presente mito este subsistema tem função de identificação, porque ligada ao nome do herói.
5. *Exílio I*: condições da vida do herói, fora de sua cidade que, no presente mito, compreende desde Exposição I até "morte do "pai". Período da vida do herói em que este se prepara para a realização de sua conquista. Desdobra-se em um subsistema:

5.1. Oráculo de Delfos-Consultas: o oráculo de Apolo, foi consultado por Laio, duas vezes: para a solução de seus problemas, e sobre a sorte do filho exposto; por Édipo em busca de sua identidade, e por Creonte sobre a origem da peste, em Tebas.

6. *Morte do "Pai"*: é destacado de *Exílio I* porque, a partir da morte do "pai", no cumprimento da maldição de que fora vítima, inicia-se a realização de sua conquista. Aí o herói mata o "pai"-rei-antecessor de sua conquista.

7. *Flagelo I* manifestação da primeira ação punitiva dos deuses sobre Tebas, dirigidas ao rei e à aristocracia, pelo aparecimento de monstros: a cadela de Taumessos e a Esfinge, com ênfase sobre o segundo. Desdobra-se num subsistema:

7.1. A Prova a que o herói foi submetido — a da palavra — para neutralizar o flagelo dos deuses.

8. *A "Mãe"*: relações entre o herói e a "mãe" — liiagem dominante em Tebas, quando de sua tomada do poder.

9. *Casamento (s)*: formação da família construída pelo herói, através de seu(s) casamento (s) – aliança (s). Desdobra-se num subsistema:

9.1 Descendência - filhos: grupos-facções aparecidos em Tebas, durante o governo de Édipo, e os problemas ligados à sucessão do trono.

10. *Conquista*: determinação da cidade — conquista do herói, e como realizou a conquista.

11. *Realeza Tebana*: organização do poder, em Tebas, e as transformações instauradas pelo herói: suas instituições, as condições de seu funcionamento e as formas de sucessão do poder.

12. *Flagelo II*: segunda ação punitiva dos deuses. Neste caso o flagelo é uma punição coletiva, sobre os tebanos — uma peste, havida durante o reinado do herói.

13. *Expulsão II*: repetição do sistema 4, com os mesmos componentes. Igualmente *Exposição II* é desdobrado no subsistema:

- 13.1. Mutilação II, em que o herói não é mutilado, mas mutila-se, como forma de auto-punição.
14. *Exílio II*: repetição do sistema 5. O herói é exilado, mas acompanhado por sua filha Antígona. Aparece como a segunda fase da existência do herói fora de Tebas. Desta vez, em Colono, Atenas.
15. *Morte do Herói*: indicação do lugar, das condições e do significado da morte do herói.

Sistemas Permanentes no mito de Édipo

A documentação textual sobre o mito de Édipo é composta por alguns textos integrais do relato, e alguns deles apresentam apenas referências ao mito, como é o caso das *Ilíada* e *Odisséia*, de Homero; *Teogonia*, *O Escudo*, *Os Trabalhos e os Dias*, de Hesíodo; *Píticas* e *Olímpicas* de Píndaro; *Os Sete contra Tebas*, de Êsquilo; *Histórias*, de Heródoto; *Édipo-Rei*, *Édipo em Colono* e *Antígona*, de Sófocles; *As Fenícias* e *As Suplicantes* de Eurípides; *As Rãs*, de Aristófanes; *O Resumo de Pisandro*; *Biblioteca Histórica* de Diodoro Sículo; *Descrição da Grécia*, de Pausânias; *Fábulas*, de Higino; *Édipo*, de Sêneca; *Deipnosophistas*, de Ateneu, de Naucratis e *Biblioteca*, de Apolodoro.

De outros dispõe-se apenas de fragmentos, como é o caso da *Edipodia* cíclica, de Cinetão; *Tebaida* cíclica, de Antímaco; *Epigonos*, de autoria discutida; *Catálogo das Mulheres*, de Hesíodo; fragmentos da *Teogonia*, de Epimênides; *História da Genealogia*, de Hecateu; *Autóctones*, de Férecidas; Corina; e *História da Grécia*, de Helânico.

A tabulação pretende destacar, pela comparação, nos sistemas e subsistemas as permanências do mito, em seus variados relatos, isto é, destacar os elementos que aparecem, senão em todos os relatos, pelos menos em sua maioria, uma vez que não se possuem todos os textos, em sua íntegra. Ante esta realidade adotaram-se os seguintes critérios:

- Consideram-se como "permanência" os sistemas que aparecem em todos os relatos, ou:
- Consideram-se como "permanência" os sistemas que, mesmo não tendo sido citados em alguns dos relatos utilizados, apresentam coerência lógica com os textos, em seu conjunto, ou:
- Pode-se aplicar o item anterior também aos relatos que, não tratando propriamente do mito, a ele se referem, de forma casual e esporádica.

Tomando-se por base o estudo realizado por Robert J. Buck⁴, sobre as variantes do mito, verifica-se que é possível considerarem-se os relatos utilizados em três linhas principais de análise e de interpretação: à primeira pertencem Hecateu e Heródoto; à segunda pertencem Píndaro, Corina, Helânico, Pisandro e Pausânias; à terceira pertencerão Homero, os poemas cíclicos, Hesíodo, Ferécidas, Ateneu, e Higino, segundo o autor citado, e acrescentamos uma quarta, à qual pertencem os trágicos atenienses de século V a. C., e uma última, a que pertencem Diodoro, Sécuro e outros, ligados e uma visão geral das tendências existentes, como Sêneca e Apolodoro.

Independentemente destas versões, baseadas em lendas e tradições da Idade do Bronze, observa-se, pela análise da tabulação diacrônica, que há duas leituras principais do mito: a que inclui textos, dos séc. VIII - VI a.C., e mesmo alguns pertencentes à primeira metade do séc. V a. C., e a que sofreu influência da versão Sófocles-Eurípides.

As versões mais antigas referem-se: à linhagem cadmêia; ao pai, como pai social, não o nomeando, e às vezes tratado por "Cadmo"; há poucas referências a monstros; as relações com a "mãe" seriam inadvertidas, sem ênfase no incesto; Édipo teria-se casado duas ou três vezes e os filhos não seriam, em sua maioria, de Jocasta. Importância é dada à linhagem, à morte do "pai", à conquista de Tebas, à riqueza e poder dos tebanos e à morte de Édipo, que se teria dado em Tebas, na condição de rei governante, como descrevem Homero e Hesíodo.

Tal versão foi retomada, de forma mais completa e detalhada, por Apolodoro, em parte, Pausânias, Ateneu e Higino.

Outra é a versão dos trágicos, cuja tônica principal é a transgressão e culpa, que atingiu sua descendência e determinou o nascimento, a vida, a conquista, o reinado e a morte do herói. Para explicar as condições desta transgressão, foram desenvolvidos, nesta versão, sistemas para explicitarem seu nascimento, sua exposição, seu exílio e sua mutilação (que lhe determinou o nome), sua estada fora de Tebas e as consultas ao Oráculo de Apolo, em Delfos. Na primeira fase de sua vida, é dada grande importância à ação de Laio, o "pai" na trajetória do herói. A segunda fase do mito compõe-se da "morte do pai", e de sua vitória sobre o monstro — flagelo, a Esfinge, o que lhe garantiu o poder, ratificado pelo casamento com a rainha, "a mãe" o que aí assume o caráter de incesto. A terceira fase inicia-se a partir da descoberta das condições anômalas da tomada do poder pelo herói, a que se seguem nova exposição, mutilação e exílio, antecedentes à segunda expulsão do criminoso-transgressor, que morreu fora de Tebas, sob a proteção de um rei estrangeiro, Teseu. Esta versão em parte, iniciou-se com Êsquilo, mas adquiriu plenitude com Sófocles e Eurípides, seguida por Aristófanes, Apolodoro, em parte, Diodoro e Sêneca.

Considera-se como *variante* a variação de um sistema, na estrutura do mito, entre um relato e outro, e como *versão* a variação de grupos de sistemas, entre um relato e outro.

Na tabulação realizada, os sistemas considerados como *Permanências* são os seguintes:

1. *Linhagem*; a ligação do herói à expressão "Cadmeus", permite que se a aborde de duas formas:

- a) "Cadmeus" determinando os habitantes de Tebas;
- b) "Cadmeus" determinando a linhagem descendente de Cadmo.

Os autores em geral referem-se aos tebanos como "Cadmeus", adjetivo que especifica sua ligação à origem antiga de Tebas, à Cadméia, fundada por Cadmo. Todos os autores referem-se à ascendência de Édipo como se tendo originado de Cadmo, com exceção da *Edipodia* cíclica, de Epimênides, de Corina, de Helânico, de Aristófanes e de Pisandro. Os cinco primeiros enquadraram-se no critério b; Pisandro também porque baseou-se na *Edipodia*⁵. Pode-se portanto denominar "Cadmeus" tanto os habitantes de Tebas, como os descendentes de Cadmo.

O subsistema I.1., Ramo, refere-se aos Labdácidas, fazendo supor que Édipo os tivesse por ascendentes, o que é ignorado na leitura antiga, anterior a Epimênides onde não há referências a Laio ou aos Labdácidas, o que permite enquadrá-lo nos critérios b e c. Nos séculos VIII e VII a.C., em Homero e em Hesíodo, o patronímio é ignorado, nomeando-se o genitor do herói como "pai", ou mesmo como "Cadmo", como aparece na *Tebaida* e em Ateneu, o que permite considerar-se o caráter social que dão ao "pai" do herói, isto é o chefe da tribo ou o rei. O nome Labdácidas apareceu no século VI a.C., em Epimênides, mas não aparece em Homero, no *Épígonos*, na *Edipodia*, ou em Hecateu, Ferécidas, Corina, Helânico, Aristófanes e Pisandro, ou porque não o citam, sendo portanto enquadrados no critério b, ou porque a ele se referem casualmente, como Aristófanes ou Homero, podendo ser enquadrados no critério c. Como ramo paterno, da linhagem dos Cadmeus, pode ser considerado *permanência*. O que se pode discutir é o nome "Labdácida", como referente a Lábdaco, personagem que representa, na linhagem, papel secundário (Vian, 1963, p. 178; n. 6).

2. *Filiação*; é sistema em que se devem considerar:
- a) a ascendência paterna;
 - b) a ascendência materna do herói.

Como "ascendência paterna" compreende-se a ligação com o pai biológico, o genitor. Aí aparece o mesmo problema referente a "Labdácidas".

Na primeira leitura, a dos séculos VIII e VII a.C., o genitor não é nomeado: O nome Laio aparece no século VI a.C., em Epimênides e Píndaro. Não aparece em Homero, nos poemas cíclicos e em Hesíodo, sendo portanto enquadrados no critério c. Hecateu, Ferécidas, Corina e Helânico enquadram-se no critério b. Na segunda leitura todos nomeiam Laio como genitor de Édipo, com exceção de Aristófanes, que pode ser enquadrado no critério c. Ateneu e a *Tebaida* consideram o pai social "Cadmo" e podem ser integrados no critério b. Como "Laio" não contradiz "Cadmo" (porque seriam da mesma linhagem), como pai social-rei dos Cadmeus, e não há outro nome para denominar o genitor de Édipo, "Laio" pode ser aceito como *permanência*.

Como "ascendência materna" considera-se a genitora do herói. Na primeira leitura, em Homero e na *Edipodia*, é nomeada Epicasta. A *Tebaida*, *Epígonos*, Hecateu, Ferécidas, e Corina a ela não se referem, podendo-se enquadrá-los nos critérios b, e Hesíodo e Píndaro no critério c. No entanto, Epimênides a nomeia Euricléa, a filha de Ecfante, nome que não pode ser confundido com Epicasta.

Na segunda leitura, Ésquilo a trata por "mãe", não a nomeando. Aristófanes, Ateneu e Heródoto a ela não se referem, podendo serem enquadrados no critério c. Os outros autores a ela se referem como Jocasta, e Apolodoro e Pausânias como Jocasta/Epicasta. A mãe tem importância primordial no mito. Quanto a seu nome é que há variantes, não se podendo determinar, com certeza, qual tenha sido. Considerado como o ramo materno da linhagem dos Cadmeus, pode ser considerado *permanência*.

Os sistemas 3. *Nascimento*, 4. *Exposição I*, o subsistema 4.1, *Mutilação I* e o sistema 5. *Exílio I* não aparecem na primeira leitura. Na segunda leitura aparecem em todos os autores, com exceção de Heródoto e Ateneu, o que os enquadra no critério c. Os três sistemas e o subsistema 4.1, não podem ser considerados *permanências*. O subsistema 5.1. *Oráculo de Delfos* aparece, na primeira leitura, apenas em Hecateu — consulta de Laio — mas não se refere à de Édipo, o que se dá em Ésquilo, Heródoto, Aristófanes e Pisandro. Estes sistemas, do 3 ao 5, não podem, ser considerados *permanências*.

6. *Morte do pai* é sistema considerado, na primeira leitura, por Homero e Píndaro, não sendo citado pelos outros autores, que podem ser enquadrados nos critérios b e c. Na segunda leitura, apenas Heródoto e Ateneu a ele não se referem, mas podem ser considerados no critério c.

No discurso do mito, "matar o pai" corresponde à extinção da linhagem ascendente paterna. O sistema "morte do pai" pode ser tratado como *permanência*.

7. *Flagelo I* trata do aparecimento, em Tebas, de dois monstros: a Esfinge e a cadela de Taumessos. À Esfinge, na primeira leitura, os autores apenas a ela se referem, ressaltando sua natureza monstruosa e o fato de devorar homens, sem relacioná-la ao herói. Já Coríja descreve uma iconografia em que Édipo enfrentava-a com armas⁶. Na segunda leitura, os autores descrevem-na detalhadamente, relacionando-a com o herói, com exceção de Aristófanes, que pode ser enquadrados no critério c. Conclui-se que, na primeira leitura, os autores aceitam a existência deste tipo de monstro, mas não o relacionam ao mito de Édipo, o que é feito claramente na segunda leitura. Pode-se considerar a "Esfinge" como um obstáculo anômalo, importante, ligado à morte e monstruoso, a ser vencido pelo herói, decisivo em sua escalada para o poder. No sistema *Flagelo I* a "Esfinge" pode ser considerado *permanência*.

A cadela de Taumessos é monstro ligado à tradição beócia. Aparece na primeira leitura no *Epígonos* e em Coríja, que a faz ter sido morta por Édipo. Na segunda leitura, apenas Pausânias a ela se refere, como um flagelo enviado por Dionísios, contra os "Cadmeus", a linhagem real, para retirá-los o poder. Nesta versão, fora transformada em pedra ao ser atacada por um cão, também monstruoso criado por Ártemis, vindo de Atenas que foi transformado também em pedra ao enfrentá-la, numa representação de duas manifestações divinas (Dionísios x Ártemis) que, pela igualdade de força, anularam-se. Pode também ser interpretada como episódio ligado às lutas travadas em função do culto dionisiaco. De uma forma ou de outra, não deve ser considerada *permanência*.

7.1. Prova é desdobramento do sistema *Flagelo I*, que descreve o tipo de desafio a que foram submetidos os concorrentes ao trono vago de Tebas, pela morte do rei. A ele não há referências na primeira leitura. Na segunda leitura, aparece como uma prova do saber, um "enigma", uma prova da palavra, em alguns autores, especialmente nos trágicos. Não se pode considerá-la uma prova intelectual, mas religiosa. É possível considerar-se "palavra", aí, como "conhecimento", se se aceitar esta versão. O conhecimento expresso pela palavra, que se exigia dos reis, era o dos *thémistes*, as leis orais, religiosas. A ela não se refere Aristófanes, que pode ser enquadrado no critério c. Pisandro e Higino fazem a Esfinge hostil a Creonte, e Pausânias tornou-a promotora de pilhagem, "aliada" a piratas, e dominada militarmente por Édipo. Não pode a prova falada, o subsistema *prova-enigma*, ser considerado uma *permanência*, mas apenas como vestígio de acontecimento, aí apresentado de forma simbólica.

8. *Mãe* pode ser a representação do ramo feminino, o ramo materno da linhagem de Cadmo, a quem o herói uniu-se, união geralmente considerada inadvertida. A "mãe" ter-se-ia matado ao saber da verdade, isto é, o

ramo "materno" da linhagem ascendente dos Cadmeus pereceu. A união com a "mãe" é sistema que pode ser considerado *permanência*. Os textos omissos enquadram-se nos critérios b e c.

9. *Casamento (s)* não pode ser confundido com a união — aliança havida entre o herói e a "mãe" — linhagem. Casamento (s) trata das relações "matrimoniais" realizados por Édipo, isto é, de suas alianças. Nas primeira e segunda leituras, há variantes. Na primeira leitura Homero e Helânico descrevem apenas um casamento de Édipo, o realizado com a rainha Jocasta/Épicasta. A *Edipodia* considera que Édipo realizou dois casamentos: um com Jocasta, filha de Meneceu e outro com Eurigânia, filha de Hiperfante. Ferécidas considera três casamentos de Édipo: com Jocasta, com Eurigânia, e um terceiro, com Astimedusa ou Medusa, irmã de Euristeu, de Micenas. Na segunda leitura, os trágicos, Higino, Diodoro e Sêneca aceitam apenas o casamento com Jocasta; Pisandro, Apolodoro e Pausânias dois, os realizados com Jocasta e com Eurigânia.

O casamento com a rainha de Tebas, Jocasta, é universalmente aceito e, no sistema, apresenta-se como *permanência*. O casamento com Eurigânia está presente apenas nos textos ligados aos que se afastam de interpretação ateniense, a do séc. V a.C. Não há como se conhecer a ascendência e proveniência de Eurigânia. Quanto a Astimedusa somente Ferécidas a ela se refere. Os casamento com Eurigânia e Astimedusa não podem ser considerados *permanência*.

Casamento desdobra-se em um subsistema:

9.1 *Descendência — Filhos*, trata dos filhos, dos produtos do (s) "casamento (s)" de Édipo, isto é, de suas alianças permanentes. Seus "filhos" são considerados linhagem maldita, porque resultado de um casamento maldito. "Casando-se" com o ramo feminino da linhagem de Cadmo, Édipo deslocou a sucessão da linhagem "paterna" para a linhagem "materna" dos Cadmeus, uma vez que não se conhecia sua origem. Para todos os efeitos, ao casar-se, deveria fundar outra linhagem. Homero⁷ não se referiu aos filhos de Édipo-Jocasta, e Pausânias, interpretando este texto de Homero⁸ concluiu que seus "filhos" não poderiam ter sido de Jocasta. Na primeira leitura, a *Edipodia* atribuiu a maternidade dos "filhos" de Édipo a Eurigânia; Ferécidas aceita como "filhos de Édipo" tanto os tidos com Jocasta, como os tidos com Eurigânia.

Na segunda leitura, os atenienses do séc. V a.C., e seus seguidores aceitam que os "filhos de Édipo" foram os de Jocasta. Mas Pisandro, Apolodoro e Pausânias retornam à leitura anterior e atribuem a descendência de Édipo à Eurigânia. Até o séc. V a.C. citam-se dois "filhos": Polínicos e Eteócles. Ferécidas, do séc. V a.C., natural da Cária, cita seis filhos: dois de Jocasta — Frastor e Leonito e quatro de Eurigânia; Polínicos Eteócles,

Antígona e Ismênia. Píndaro e Helânico referem-se aos "filhos", sem os nomear e, os poetas trágicos citam os quatro filhos, o que é repetido nos textos posteriores.

Este sistema e seu subsistema precisam ser considerados em partes, na determinação de sua permanência. No sistema "casamento", pode-se considerar o casamento com Jocasta, a rainha de Tebas, como *permanência*. O casamento com Eurigânia como ligado apenas à tradição tebana e a com Astimedusa, como referência isolada. Não podem ser considerado permanência.

No que se refere ao subsistema Descendência — Filhos, há que se considerar:

- a) A existência de descendentes—"filhos". *É permanência.*
- b) O número de "filhos". Uns atribuem-lhe dois, outro três (Ésquiló); alguns quatro e outro seis "filhos". O número de filhos *não é permanência.*
- c) A ligação de sua filiação com a guerra. Polínicos e Etéocles foram mortos um pelo outro numa guerra. Leônito e Frastor morreram numa guerra contra Orcômeno. Antígona e Ismênia morreram em "guerra". Trata-se de uma *permanência.*
- d) As "filhas" só são consideradas a partir do séc. V a.C. *Não é permanência.*
- e) A ascendência materna dos "filhos". Uns atribuem-na a Jocasta, outros a Eurigânia e outro a ambas. *Não é permanência*, porque não se pode estabelecer com segurança a mãe dos "filhos de Édipo",

10. *Conquista* é sistema universalmente aceito em todos os relatos. Édipo foi o conquistador de Tebas, da Beócia. *É permanência.*

11. *A Realza Tebana* é sistema em que são descritas as características da realza em Tebas, com informações em sua maioria esparsas e fragmentadas, mas em todas é referido. *É uma permanência* o fato de Tebas ter sido uma realza.

12. *Flagelo II* refere-se à peste que assolou Tebas, durante o reinado de Édipo, enviada por Apolo por não se ter castigado o assassino do "pai"-rei, Laio. É sistema não referido por qualquer autor dos séculos VIII-VI a.C.. Mesmo autores do séc. V a.C., como Heródoto, Ésquiló ou Aristófanes, a ele não se referem. É sistema desenvolvido por Sófocles, mas não por Eurípidés, e adotado por Higino e Sêneca. *Não é permanência.*

13. *Expulsão — Exílio II* é sistema considerado apenas por Sófocles, Eurípidés, Apolodoro, Higino e Sêneca, e discutido por Pausânias. *Não é permanência.* O mesmo acontece com *Mutilação II*. Apareceu no séc. V a.C.

com Helânico, Ésquilo, Sófocles, Eurípides e Aristófanes, e posteriormente adotado por Pisandro, Apolodoro, Higino e Sêneca. *Não é permanência.*

14. *Exílio II* descreve o exílio de Édipo em Colono. Apareceu a partir de Sófocles, seguido por Eurípides e Apolodoro, mas discutido por Pausânias, apoiado em Homero³. *Não é permanência.*

15. *Morte* é sistema em que se observam nitidamente duas leituras:

a) Uma, em que a morte de Édipo deu-se em Tebas, onde teria "caído", como um rei que governasse, vitorioso e glorificado, em cujo funeral houve jogos fúnebres grandiosos, aos quais acorreram representantes de outras cidades, como aparece em Homero, Hesíodo, Pisandro e Pausânias.

b) Outra, em que Édipo, exilado, mutilado, envelhecido, empobrecido e humilhado, morreu em Colono, na Ática, sob a proteção de Teseu, em companhia da "filha" Antígona — variante dos trágicos Sófocles e Eurípides. Higino o fez suicidar-se e Sêneca o fez exilar-se sozinho, não descrevendo a sua morte.

De qualquer maneira, numa versão ou em outra, Édipo morreu em meio a um litígio, pela posse do poder, ou dentro ou fora de Tebas, seja num duelo ou no exílio. Esta última afirmativa é *permanência*. A forma como morreu, ou onde morreu, são variantes.

Como se pode verificar, os sistemas e sub-sistemas básicos, permanentes, do mito, são:

1. Édipo pertencia à linhagem dos reis governantes de Tebas, os Cadmeus — Labdácidas.
2. Édipo matou o "pai"-rei — antecessor, de Tebas.
3. Édipo derrotou e dominou a "Esfinge" — flagelo, de Tebas.
4. Édipo aliou-se — uniu-se à "mãe" — linhagem materna dos Cadmeus.
5. Édipo casou-se com a rainha de Tebas, Jocasta.
6. Édipo teve "filhos" que se envolveram e morreram em guerras.
7. Édipo conquistou Tebas.
8. Tebas era uma realeza.
9. A morte de Édipo decorreu da luta pelo poder.

O RELATO BÁSICO DO MITO DE ÉDIPO

A interpretação aqui realizada, dos sistemas permanentes encontrados no mito de Édipo, é baseada no relato de Pausânias, porque é o autor

que mais se aproxima dos conceitos atuais da crítica histórica, em que se procura conhecer o real pela investigação, pela crítica e pela discussão das fontes. Excluem-se Heródoto e Tucídides porque são praticamente omissoes em relação ao mito, sendo que Heródoto apenas a ele se refere de forma casual, vagamente, e Tucídides o ignorou.

1. A linhagem dos Cadmeus.

Cadmo é apresentado por Hesíodo¹⁰ como um herói grego, colocado na "Idade dos Heróis" e segundo Apolodoro¹¹, descendente de gregos emergentes da África. Agenor, irmão de Belo, rei dos egípcios, ambos filhos de Posidão, dirigiu-se à Fenícia e aí, casado com Telefassa, teve uma filha, Europa e filhos — Cadmo, Fênix, Cílix e Fáaco. Tendo sido Europa raptada por "Zeus", Cadmo veio, com Telefassa, à procura da irmã, a mando do pai, com a incumbência de não voltar sem a irmã — possivelmente expulso pelo "pai". Dirigiu-se à Trácia e após a morte da mãe, a mando de Apolo, através da Focídia, chegou à Beócia e aí fundou uma cidade¹².

Segundo Pausânias¹³, os primeiros ocupantes da região foram os ectenes, de cujo rei Ogígio, natural da região, procedeu o nome Ogígia, epíteto de Tebas. Os ectenes foram aniquilados ou por uma peste, ou por uma tormenta, e a região ocupada pelos hyantes e os aones, tribos locais.

Cadmo e os fenícios, que com ele teriam vindo, invadiram a região e dominaram os aones¹⁴. Os hyantes fugiram, mas os aones uniram-se a Cadmo. Estes viviam em aldeamentos, e Cadmo os unificou, edificando uma cidade que passou a chamar-se Cadméia¹⁵. Posteriormente, com o crescimento da população, a cidade expandiu-se e o nome Cadmeia passou a denominar a acrópole que, unida à parte baixa, passou a se denominar, mais tarde, Tebas. Tal relato explica a denominação de "Cadmeus", dada aos habitantes de Tebas.

Cadmo foi o primeiro rei de Cadméia. Seu sucessor—"filho" teria sido Polídoro, aparentemente deposto por Penteu, o descendente da aliança-casamento de uma das filhas de Cadmo, Ágave, com um dos *spártai* que a ele permaneceram fiéis, após o embate entre os gigantes — Équion, Lábdaco, o sucessor de Polídoro, portanto seu "filho", é uma figura nebulosa, que alguns consideram apenas como um elo dinástico. Aliou-se a Penteu, após a morte ou deposição de seu "pai". Teria sido o fundador do ramo dos Labdácidas, e sucedido por seu filho Laio. Édipo sucedeu-o e unificou, pelo casamento, as duas casas: a de Équion, descendente de Cadmo por linhagem materna, e a dos Labdácidas, descendente de Cadmo por linhagem paterna. A relação entre Cadmo e Édipo é a de que ambos seriam unificadores: Cadmo, o unificador das aldeias aônicas e Édipo o das linhagens segmentárias de Tebas, tornando-se unificador da realeza tebana.

Desta forma, explica-se não só o adjetivo "cadmeus" atribuído aos tebanos, até a guerra dos Epígonos, quando foram substituídos pelos beócios, e a denominação "linhagem de Cadmo", dada aos reis de Tebas, "filhos" do "pai" — rei, unificador de Cadméia, Cadmo.

2. Morte do "pai"

Como "pai" deve-se compreender a linhagem paterna dos Cadmeus que, no momento, era representada por Laio, o rei de Tebas. Este sistema por muitos é denominado o "parricídio".

Segundo Carlo Ginzburg¹⁶ o mito de Édipo está inserido num vasto conjunto de mitos e sagas, que se fundam numa estrutura basicamente análoga: um rei idoso é informado, por um oráculo, que certo príncipe, de quem é soberano — do qual pode ser o pai, o avô, o tio, o pai — adotivo ou o sogro — o matará para sucedê-lo. Para anular tal profecia, o jovem é obrigado a deixar a cidade e, após várias provas, retorna e mata o velho rei e o sucede, de modo geral, casando-se com a princesa, filha deste último. Os mitos gregos, que repetem, no todo ou em parte, esta seqüência, podem ser divididos em quatro grupos:

a.1 "*Parricídio voluntário, em forma atenuada*, ex.: Cronos "castrou" Uranos, seu "pai", e Zeus, seu "filho", tomou-lhe e o poder e o "castrou", impedindo-o de procriar.

a.2 "*Parricídio involuntário*", ex.: Édipo matou Laio; Teseu provocou o suicídio de Egeu, e Telégono matou Ulisses. Todos, sem saber que mataram o "pai", tinham matado o rei.

b.1 *Morte voluntária do tio*, ex.: Jasão, filho de Éson, matou Pélias, irmão de seu "pai"; Egisto, filho de Tiestes, matou Atreu, irmão de seu "pai"; Télefo matou seus tios — Cefeo, Licurgo e Anfidamante — sabendo que matava os irmãos de sua mãe, embora alguns digam que tenha sido inadvertido este assassinato.

b.2 *Morte involuntária do tio*, ex.: Perseu matou Acrísio, às vezes considerado seu tio, às vezes considerado seu avô.

c. *Morte do avô*, ex.: Egisto matou Atreu, pai de sua mãe Pelópie e Perseu matou Acrísio, às vezes considerado seu avô.

d. *Morte do futuro sogro*, ex.: Pélope fez morrer Enômao, pai de Hipodamia; Zeus depôs Cronos, pai de Hera, sua irmã-esposa, e Anfitrião matou Electrião, pai de Alcmena, sua esposa.

Os mitos, compreendidos nesta série são caracterizados por estrutura similar, que se articula num conjunto de variantes, com base numa ver-

são radical à qual se incluiria o “parricídio” voluntário do “pai” — rei, antecessor ao herói, fosse ele o pai, o avô ou o tio. O “pai” tem sentido de antecessor na linhagem governante, a que exercia o poder.

Segundo Pausânias, Édipo matou o “pai” — rei de Tebas, numa batalha, em companhia do rei Damasítrato, de Platéia¹⁷. O mesmo diz Apolodoro, ressaltando que Édipo e Damasítrato mataram um homem que, num carro, tolhera-lhes a passagem, tendo seu palafrenero matado um dos cavalos de Édipo¹⁸; Pisandro diz que o palafrenero de Laio chicoteou o cavalo de Édipo¹⁹; e Diodoro que o rei Laio tratou-o desdenhosamente²⁰. Higino diz que o rei lançou seus cavalos contra Édipo²¹ e Sêneca que o rei o atropelou, com seus cavalos²².

Este quadro não é o de um assassinato em meio a uma estrada, mas o de uma batalha em que aparecem carros, arautos, palafreneros e cavalos, travada numa região estratégica, a trifurcação de uma estrada, que ligava Tebas, Daulis e Delfos, na Focídia, região vizinha à Beócia²³. Não se trata de um “parricídio”, mas de um combate entre Tebas e Corinto²⁴ a cujo rei, Políbio, Édipo enviou o carro de guerra do rei morto, como um troféu. Desse combate participou Platéia, pela presença de seu rei, Damasítrato, que enterrou o rei de Tebas, derrotado e morto, e seu palafrenero, no lugar onde se dera o combate²⁵.

Na ação descrita Édipo participou como aliado — “filho” adotivo de Políbio, rei de Corinto. Matara Laio, rei de Tebas (talvez por questões de gado, o que não se afirma), o “pai” — rei — antecessor de sua conquista, cuja morte deixou vago, o trono de Tebas.

Os Labdácidas já eram uma linhagem condenada, na medida em que Laio, seu rei, não poderia prover um filho, legítimo, que o sucedesse, no poder em Tebas, pela interdição de Apolo, que o teria castigado por seu desastroso comportamento na casa de Pélope. Deve-se ressaltar, que a ascensão de Laio ao poder já rompera a seqüência sucessória da linhagem de Equion-Creonte, em Tebas, desde a morte dos Nióbidas. A cassação do direito sucessório à filiação de Laio faria retornar o poder ao ramo de Équion, como realmente sucedeu, pela ascensão de Creonte, após a morte de Laio.

De qualquer maneira, mesmo estando a sucessão de sua linhagem condenada, o rei fora morto pelo filho interdito, o que não podia governar, que “matou” a linhagem paterna dos Cadmeus, impedindo que continuassem a governar Tebas. Não havia sucessor legítimo conhecido e o que houvera fora expulso, porque exilado, mutilado e exposto para morrer: Édipo.

3. A derrota do Flagelo — “Esfinge”

Os deuses manifestavam seu desagrado em relação à atuação dos homens, ou pelo envio de monstros ou de animais flageladores, ou por ação

de forças da natureza, ou por pestes que dizimavam homens e animais. Os monstros flageladores atingiam as elites, atacando guerreiros ou príncipes pretendentes ao trono. Já as forças da natureza e pestes atacavam indistintamente a todos, representando castigo coletivo a todo um povo de determinada região.

Ao tempo do advento de Édipo, após à morte do “pai” — rei, apareceram em Tebas flagelos como a cadela de Taumessos²⁹ e a Esfinge.

As primeiras referências nos textos, à Esfinge, são as de que era um monstro, filha de dois outros monstros: de Tifon e Equidna, ou de seus filhos, Hidra e Ortos, sempre representando um ser monstruoso, filha de monstros. A partir do século V a.C., a Esfinge aparece ligada ao mito de Édipo, único mito grego em que é mencionada.

A Esfinge grega era uma entidade composta por elementos femininos e animais, acrescido de componentes alados. Platão, ao tratar da reencarnação, diz que a natureza humana é dupla e que, dos dois sexos, o mais vigoroso recebeu a denominação de “sexo masculino”. Se os homens conseguissem dominar as afeições produzidas pela dor, o prazer, o desejo, o medo e a cólera, viveriam em justiça, mas se se deixassem por elas dominar, viveriam em injustiça. Os que tivessem bem vivido, ao tempo conveniente, voltariam ao astro que lhes fosse atinente e viveriam felizes. Ao contrário, se falhassem, sofreriam um segundo nascimento, sob a forma feminina. Se persistissem na malícia, segundo a maneira como tivessem transgredido, tomariam a conformação de seu vício e seriam transformados em animal²⁷. Segundo Diodoro, os elementos femininos e animais, configurariam, na Esfinge, sua dupla transgressão²⁸.

Outro elemento, ainda ligado à sua conformação, é seu caráter alado, que aparece em vasos atenienses, do período arcaico e do período clássico.

Homero refere-se às palavras que Ulisses dirigia aos mortos, no Hades, como “aladas”, caráter alado que correspondia a um atributo dos mortos²⁹ mas é expressão comum nos poemas homéricos, aparecendo em múltiplos contextos em que descreve as almas que, ao se afastarem, esvoaçavam, dando qualidade alada a seus movimentos. Eurípides, no entanto, diz que o caráter alado é atributo do que traz a morte³⁰.

Outra identificação da relação da Esfinge com os mortos é seu gosto por sangue. Ésquilo, Sófocles, Pisandro, a *Edipodia*, Apolodoro, Higino e Sêneca ressaltam o caráter predatório da Esfinge, “devorando” quem não lhe respondia seus enigmas³¹. Homero, descrevendo a estada de Ulisses no mundo infero, mostra seus habitantes como “ávidos por sangue”, em descrição pungente, porque entre os “ávidos por sangue” encontrava-se a própria mãe do herói³².

A partir do período clássico, por influência dos mistérios, apareceu a noção de alma, ao lado da de *psyché* — presente na tradição homérica — como uma entidade inconsciente e sem força, sombra tênue, que apenas mantinha um simulacro de existência após a morte. Conservava a forma física, podendo ser reconhecida, mas débil, volátil e esvoaçante, que recebia energia de sangue. A noção de alma, mais desenvolvida, como entidade subsistente, assemelhada à divindade, mais real, num certo sentido, que o próprio corpo, ao qual pode estar associada, é citada por Aristóteles que, não a aceitando, atribuiu-a a Hermótinos²³. Do que se trata, no momento, é da *psyché*, a descrita por Homero.

Os seres divinos, na concepção antiga, eram ilimitados. Píndaro e os mais antigos²⁴ dividem-nos em deuses e heróis, igualmente opostos aos homens. As classificações mais tardias distinguem deuses, "demônios" e heróis, como a que se encontra em Platão²⁵ e em seu discípulo Xenócrates²⁶. Filosoficamente Platão desenvolve a noção de *daimones*, não muito claramente, como entidades intermediárias entre a divindade e a humanidade²⁷. Hesfodo trata-os como entidades impessoais e indiferenciadas²⁸, que não procedem das demais e são mais antigas que estas²⁹.

Havia, por trás do que se denomina "divindades menores", todo um mundo de espíritos, numa verdadeira demonologia, que se perpetuou no período clássico. Havia espíritos ligados a tudo quanto pudesse afligir os homens — o da Enfermidade, o da Velhice, o da Febre, o da Morte — denominados coletivamente *Kéres*³⁰, dos quais se desprendem, às vezes, figuras mais individualizadas e temíveis, já degradadas à condição de espectros. O que se guardou foi que os *kéres* eram poderes hostis, mas nem todos sinistros e tinham relação com os mortos. Em geral, a noção de espírito confundia-se facilmente com a de alma dos mortos. Alguns dos *Kéres* possuíam caráter propriamente espiritual e alguns eram noções psicológicas, divinizadas, cuja representação confundia-se com sua função. Entre os gregos sua imagem era viva, representada de formas variadas³¹. Portanto, a noção psicológica de transgressão poderia ser formulada numa entidade composta por elementos animal e feminino, representando a duplicidade desta transgressão, e que trazia a morte, o que seria identificável por seu caráter alado.

A Esfinge, como um flagelo, fora enviada a Tebas pelos deuses. Segundo Eurípides enviada por Apolo e Hades³². Segundo Apolodoro e Píndaro, por Hera³³, a deusa do casamento e da família, para castigar os Cadmeus, que segundo Píndaro era originária da Etiópia³⁴.

A análise deste sistema permite que se aventem algumas hipóteses, apesar de nem todas serem possíveis de comprovação:

a) A Esfinge, no relato mítico, seria a representação de um grande obstáculo, a quem pretendesse o trono vago de Tebas.

A "Esfinge", localizada no monte Fício, próximo a Tebas, após a morte de Laio, garantiria a sucessão do poder, à descendência de Laio. Ao se procurar reconstituir a ação da "Esfinge", o quadro que se nos apresenta é o de combate, "portador da morte". Sêneca descreve-a rodeada por cadáveres e ossos esbranquiçados⁸⁵. Todos afirmam que "devorava" quem não lhe respondia o enigma. Apolodoro trata-a como um flagelo, pois "matava um homem por dia"⁸⁶. Pausânias diz que "praticava pilhagens"⁸⁷ e Higino que "devastava os campos tebanos"⁸⁸. Estas são descrições de um "obstáculo", belicoso. É possível que houvesse uma disputa armada entre contendores, e que o "obstáculo", fossem as lutas e combates promovidos entre pretendentes ao poder. Não é possível comprovar-se esta hipótese, mas é possível discuti-la.

b) Laio tinha muitos bastardos⁸⁹, "filhos" de "alianças-uniões" espúrias, que disputavam entre si, com estrangeiros, e com Creonte, o poder em Tebas.

Segundo a *Edipodía*, Pisandro e Apolodoro, Hémon, filho de Creonte, teria sido "devorado" pela "Esfinge"⁹⁰ o que permite a conclusão de que a linhagem de Creonte disputava também o poder, em Tebas. Pisandro diz que Hípio, neto de Magnes, da Eólia, fora morto pela "Esfinge"⁹¹, o que demonstra interesse de estrangeiros, em relação ao trono tebano, sem sucessor legítimo.

Pausânias explica que a "Esfinge" era "filha bastarda" de Laio que, tendo-se "enamorado" dela, dissera-lhe o oráculo enviado de Delfos a Cadmo, só conhecido pelos reis de Tebas⁹², o que permite a conclusão de uma ligação de Laio com um dos ramos de seus bastardos, a "Esfinge", que matava todos os que, desejando o poder, não sabiam a "resposta", (o apoio de Laio) porque só ela sabia. E sua proposta-prova talvez fosse um "enigma", porque ninguém saberia uma resposta, que só "ela" decifraria.

O quadro apresentado parece permitir que se considere o "obstáculo" como uma disputa aberta pelo poder, em que a "Esfinge" trazia a desordem e a ansiedade para o governo de Creonte, pelas lutas travadas entre os bastardos entre si, a "Esfinge" contra os outros e todos contra Creonte. Mesmo Laio já procurara o Oráculo de Delfos — segundo variantes de Eurípides, Diodoro e Higino⁹³ — antes de morrer, para assegurar-se se seu "filho exposto" viveria ou não. Tal preocupação de Laio pressupõe que estivesse sendo pressionado a decidir-se sobre a sucessão, uma vez que tinha outros "filhos" embora espúrios, é verdade, e já era homem idoso.

c) A ação da "Esfinge" seria principalmente contra Creonte, que estaria, possivelmente disputando o poder com os "bastardos" de Laio.

Segundo Higino, "a filha de Tifon assolava os campos tebanos devido à sua rivalidade com Creonte" (54), cujo filho Hémon, como um usurpador⁵⁵, fora "derrotado" por ela. Laio — "ramo paterno" da linhagem de Cadmo — era interdito de garantir a sucessão, o que supõe supremacia de Creonte, perante ele. Segundo Apolodoro e Sófocles⁵⁶, a "Esfinge" aparecera no governo de Creonte, após a morte de Laio, enviada por Hera, a deusa do casamento e da família⁵⁷, portanto da estabilidade social, para castigar a impiedade de Laio, não castigado, mas acolhido por Creonte, que desta maneira, o apadrinhara por sua conveniência, o que fez recair sobre Creonte, também, parte da impiedade de Laio.

A prova de que a "Esfinge" atribulava Creonte foi o prêmio, o maior que poderia haver, por ele oferecido a quem a derrotasse: o trono de Tebas e o casamento com a rainha-viúva, apelo a que muitos acorreram, mas pereceram⁵⁸. Seria necessária não só uma vitória, mas uma grande vitória para tal prêmio. Pode-se argumentar que Creonte já mantinha o poder, é verdade, mas de forma transitória. Todos sabiam da extinção iminente da linhagem dos Labdácidas. O poder desejado por Creonte teria que ser legitimado, conseguido, não tolerado. Édipo uniu-se a Creonte, contra os bastardos e a "Esfinge". Aconteceu a seu apelo e "decifrou" o enigma, segundo Pausânias, "pelo número superior de tropa que trouxera de Corinto"⁵⁹. Pelo domínio da "Esfinge", Édipo recebeu o prêmio prometido e se tornou o conquistador de Tebas⁶⁰. Se venceu a todos foi pelo seu poderio militar, o que levou Creonte a com ele se aliar, possivelmente. Pelo tipo de prova e, pela maneira como a venceu, Édipo não seria rigorosamente, um sucessor legítimo, mas um conquistador que teria conseguido o poder militarmente.

Quanto ao "enigma" a que foi submetido, uma prova do Saber, respondeu-o ou por adivinhação, porque não o sabia, segundo Sófocles⁶¹, ou por receber a resposta em sonhos, segundo Pausânias⁶². A sucessão legítima exigiria o conhecimento da resposta. O que se depreende dos textos é que ele não respondeu à Esfinge, mas "derrotou-a", por ação militar. Tal solução adapta-se à finalidade do enigma-combate, que teve que enfrentar, e se adequa às condições do contexto. De uma forma ou de outra, não deveria "ser" porque não sabia a resposta, condição necessária, ao "filho" de Laio. Seria ele o filho de Laio, ou o "filho" do "pai"-rei, Laio?

Quanto à "Esfinge", mesmo tendo Édipo respondido o "enigma", fora "derrotada", o que nesta versão não seria coerente, porque ela lá estava para guardar o direito do sucessor de Laio. Se foi "derrotada", o foi porque não pôde impedir que, quem não soubesse a resposta, a "respondesse" pelas armas.

Por força ou por astúcia, Édipo, por sua atuação, derrotou o "obstáculo" e satisfaz o interesse de Creonte, ao dominá-lo. Este domínio alguns interpretam como domínio sexual, solução que não é compatível com este trabalho, em seus objetivos.

A Mãe



A linhagem de Cadmo, nascida em Tebas, constituiu-se por quatro filhas — Autónoe, Ino, Ágave e Sêmele — e por um filho, Polídoro, cujos descendentes formaram a linhagem paterna dos Cadmeus, os herdeiros legítimos do poder. Das filhas de Cadmo, no momento, interessa-nos apenas Ágave, que se casou com Équion, um dos *Spártoi* aônios, aliados de Cadmo. Seus descendentes constituíram-se na linhagem materna dos Cadmeus, composta (vide quadro genealógico) por Penteu, filho de Équion que, como Lábdaco, filho de Polídoro, fora morto pelos partidários de Dionisos⁴³. Oclastos é figura obscura e praticamente desconhecida, considerado apenas um elo da linhagem, e Meneceu, pai de Creonte e de Jocasta.

Ao casar-se com Jocasta, Laio — linhagem paterna de Cadmo — passara à posição, mesmo como rei, de patrocinado por Creonte — linhagem materna de Cadmo. Desta forma, a morte de Laio representou a extinção do ramo paterno de Cadmo, sem sucessor. Ao assumir o poder, Édipo o fezera como "filho" de Laio, o rei-"pai"-antecessor. Casando-se com Jocasta, ligou-se ao ramo materno dos Cadmeus, por casamento-aliança. Até que se conhecesse sua origem, o poder conseguido pelas armas e legitimado pelo

casamento, não fora discutido. Poderia até ser um usurpador. Mas, ao se conhecer sua origem, ficou clara a distorção do processo sucessório: o novo rei assumira o poder por ligação-aliança com o ramo materno dos Cadmeus, numa sociedade patriarcal e patrilinear, o que caracterizou a aliança como "casamento com a mãe"⁶⁴, ou "incesto", segundo os trágicos⁶⁵. A maioria dos autores considera esta aliança-casamento como transgressão cometida inadvertidamente, provocada pela promessa de Creonte de "casar" sua linhagem com a do vencedor do flagelo que o oprimia.

A aliança de Édipo com a linhagem de Ésquion foi funesta e provocou a "morte" desta linhagem: Jocasta matou-se ou por enforcamento, segundo Sófocles e Apolodoro⁶⁶, ou por ter rasgado o próprio ventre, com a espada de Laio, usada por Édipo, ventre este instrumento de uma prole maldita e de uma fertilidade infeliz, segundo Sêneca⁶⁷. A morte dos "filhos" Étéocles e Polínicés⁶⁸, redundou na extinção gradativa de sua linhagem e da linhagem de Creonte, pois seus três "filhos" morreram igualmente⁶⁹. Sêneca considera a "mãe-tebana" como instrumento de mal e de dissidência e as "armas" dos Labdácidas como promotoras da hecatombe sofrida pela realeza tebana⁷⁰.

5. Casamento (s)

"Casamento" pode representar, no discurso mítico, aliança ou dominação político-militar, além de constituir-se no fundamento social da organização da linhagem do herói.

Tanto nas versões, como nas variantes, o casamento de Édipo com Jocasta, a rainha-viúva de Tebas, é permanência, e representa a aliança de Édipo com a linhagem que no momento mantinha o poder, em Tebas. Após ter derrotado os opositores de Creonte, Édipo adquiriu o poder como um estrangeiro, mas o legitimou pelo casamento com a rainha-linhagem governante, o que é comum, nos mitos heróicos de conquista, para garantia da estabilidade interna do governo.

Este poder, adquirido pelas armas, apresentava-se frágil, o que Sófocles prova, pela desconfiança que Édipo demonstrou, tanto na lealdade de Creonte como na integridade de Tirésias, o advinho de Apolo⁷¹, que julgou terem-se aliado para o derrubarem. Creonte e Tirésias representavam forças expressivas, na aristocracia tebana, cuja aliança poderia desequilibrar seu poder, frágil, porque apenas fundado na força militar. Seu maior apóio era Jocasta, que o legitimava.

Os outros "casamentos" de Édipo, apresentados nas variantes não atenienses, poderiam ser considerados como alianças político-militares. No casamento com Eurigânia, tão enfatizado, por alguns, a questão complica-

se, porque Eurigânia era de proveniência não conhecida e de ascendência nebulosa. Quanto à aliança Astimedusa-Édipo é mais coerente: poderia representar aliança com a casa real de Micenas, porque irmã de Erísteu, o perseguidor de Hércules e dos Heráclidas, expulsos de Tebas, mas acolhidos por Teseu, em Atenas, onde Erísteu os combateu. O asilo que Teseu deu a Édipo seria um agravo à coligação Etéocles-Creonte, seguido pela invasão de Tebas, sob o pretexto de satisfazer interesses religiosos de Antígona, e sepultar o cadáver de Polníces e dos mortos na guerra. No entanto, desse casamento há apenas uma referência isolada, o que leva a que apenas se possam fazer conjecturas.

5.1 Descendência-“filhos” é desdobramento dos Casamento(s) realizados pelo herói, garantindo-lhe descendência social e política. Como “filhos” devem ser interpretados os produtos legítimos das alianças realizadas pelo herói, que se constituíram em grupos ligados ao poder, favoráveis ou antagonísticos a Édipo.

Os “filhos de Édipo” são permanentemente dois homens e aparecem como desafiadores do poder do pai e hostis entre si. Matararam-se mutuamente e são citados desde o século VIII a. C.⁷²: Etéocles e Polníces. Homero⁷³ não os considera filhos de Jocasta e, até o século V a.C., consideraram-nos como “filhos de Eurigânia”, como produtos de outra aliança, ou de outras alianças, fora da linhagem governante. A partir de Ésquilo e dos trágicos passaram a ser considerados “filhos de Jocasta”⁷⁴, mas Pausânias e Pisandro retornam-nos à condição anterior, como “filhos de Eurigânia”⁷⁵. As filhas mulheres só são citadas, nominalmente, a partir de Ferécidas, no século V a.C., e, só Antígona tem posição expressiva⁷⁶.

Etéocles e Polníces foram amaldiçoados por Édipo, segundo a *Tebaida*, porque afrontaram a autoridade do “pai”, usando objetos de Cadmo e usurpando-lhe o poder; além de, no sacrifício, tratarem-no como a um inferior⁷⁷. Eurípides e Ésquilo tratam-nos como usurpadores, o que teria acarretado a maldição paterna⁷⁸; Apolodoro relata que Édipo os amaldiçoou por não o defenderem⁷⁹; Ateneu explica a maldição pelo afrontamento do pai pelos filhos⁸⁰ e Pausânias refere-se à maldição de Édipo lançada contra os filhos⁸¹.

A maldição de Édipo contra Polníces e Etéocles pode ter sido profetizada pelo rei-“pai” contra os “filhos”, que o depuseram, usurpando-lhe o poder, e provocando seu exílio⁸². Após terem deposto o rei, passaram a lutar entre si, na guerra a que se deu o nome de “Sete contra Tebas”, luta descrita principalmente por Ésquilo e Eurípides e citada por Heródoto, pela *Tebaida*, por Homero e por Pausânias⁸³.

A análise da comparação das variantes citadas permite que se possa observar importante permanência: Frastor e Leonito morreram na guerra travada por Menecou-Creonte contra Érgino, de Orcômeno, segundo Pêricidas e Apolodoro. Etéocles e Polínicos mataram-se pelo poder que usurparam do "pai" e Antígona, ou morrendo na caverna, segundo Sófocles, in *Antígona*⁸⁴, ou permanecendo junto a seu pai, em Colono, segundo Sófocles, in *Édipo em Colono*, na luta contra Creonte⁸⁵, todos morreram em combate, na luta pelo poder, em Tebas.

A importância deste subsistema é que, pela atuação dos "filhos de Édipo", podem-se tentar identificar os possíveis grupos antagonísticos que se poderiam ter formado, durante o reinado de Édipo. "Polínicos" possivelmente representaria um grupo expulso de Tebas por "Etéocles", que se uniu a Ádrasto, de Argos, por casamento-aliança com sua filha Argia, aliança esta ampliada pela participação de guerreiros da Messênia, da Arcádia e de Micenas, além da facção "Tideu", da Etólia⁸⁶. O objetivo de "Polínicos" seria a tomada de sua parte nos bens do "pai" na riqueza de Tebas⁸⁷. "Etéocles", seria facção que usurpou o trono e desejava o poder, para isto contando com aliados tebanos, como Creonte e seu grupo, e aliados beócios, como os mênios e os flégios, do país dos Mênios, (Orcômeno), além de guerreiros da Focídia⁸⁸. "Antígona", grupo que seguiu o rei-"pai", em sua expulsão e exílio e se foram unir a Teseu, rei de Atenas⁸⁹. É possível observar-se que Teseu, posteriormente, foi a Atenas, cumprir um rito, como satisfazendo um trato realizado com "Antígona"⁹⁰, cuja ação, tanto em Sófocles, como em Eurípides, é sempre voltada contra "Creonte". "Antígona", em Sófocles, é representante de um conceito de legitimidade, a do *gênos*, oposto ao do Estado; a do grupo religioso oposto à do indivíduo⁹¹.

5. A Conquista de Tebas

É a afirmação mais permanente em todos os relatos. Se não o declararam explicitamente, como na *Edipodia*, na *Tebaida*, no *Epígonos*, em Epimênides, Hecateu, Aristófanes e Ateneu, consideraram-no de forma implícita. Todos, em todo o tempo, referiram-se a Édipo como o herói que conquistou Tebas, na Beócia, após uma vitória. Alguns desenvolveram sistemas ligados à conquista, como o da Esfinge e seu enigma, ou o do casamento com a rainha. Este último aparece como fator importante, nos mitos de conquista. Os conquistadores, cujas vitórias não foram ratificadas pelas uniões-casamentos com casas reinantes de suas conquistas, não permaneceram no poder, nas cidades por eles conquistadas, como foi o caso de Perseu, que conquistou Argos, matou o "avô"-rei, mas casara-se com Andrômeda, princesa etíope. Não tendo apoio político "por vergonha", tro-

cou Argos por Tirinto, com seu primo Megapentes. E Tèlefo que teve que se casar com a filha de Teutras, para poder governar a Mísia, como foi explicado anteriormente. O casamento-aliança com a casa reinante da conquista facilitava a estabilização política no reinado do conquistador.

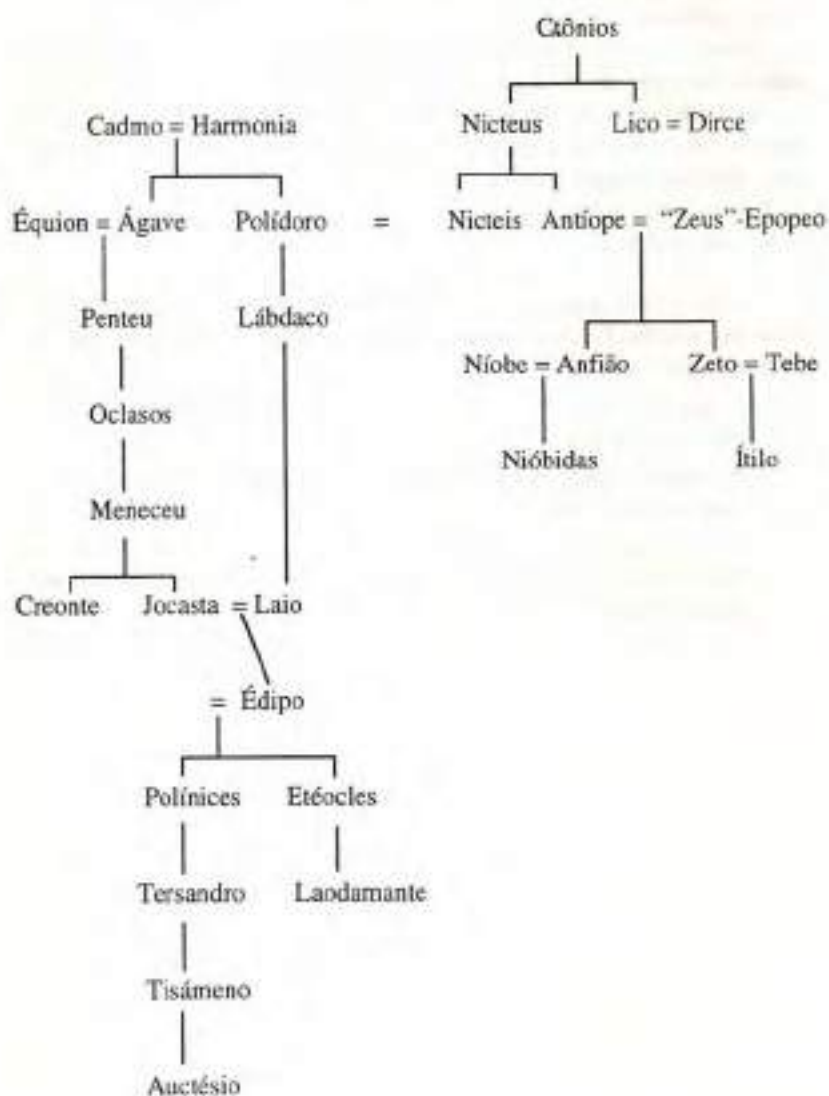
Para Édipo, o casamento com a rainha-viúva parece ter sido fator de estabilidade, inicialmente. Mas transformou-se em fator complicador, pelas condições anômalas de seu casamento-aliança com a "mãe"- linhagem materna, o que explica a ação desagregadora de sua "prole", em relação a sua conquista e a seu reinado.

6. A Realeza Tebana

A história da realeza tebana é apresentada, no mito de Édipo, em três períodos distintos, desde sua instauração até a guerra dos Epígonos, em que se desagregou:

- a) o período da realeza em linhagens segmentárias, características de organizações tribais;
- b) o período da unificação da realeza, possivelmente do tipo palaciano, realizada por "Édipo";
- c) o período da desagregação da realeza tebana, concomitante ao declínio da própria cidade, produto das guerras em que se envolveram os "filhos de Édipo".

Genealogia da Realidade Tebana até a Guerra dos Epígonos



Segundo Pausânias a realeza tebana foi instaurada por Cadmo, ao dominar as aldeias aônias, reuni-las e unificá-las na cidadela de Cadméia. Cadmo, ao matar o dragão de Ares, fora aconselhado por Atena a "semear" os dentes do dragão, dos quais nasceram os *Spartoi*, os "homens semeados", combatentes fortemente armados, que lutaram entre si, e expulsaram os hyantes. Os remanescentes da luta, os *spartoi*, o maior poder em Tebas, depois de Cadmo, foram Ctônios, Hiperenor, Péloros, Udeus, o pai de Tírésias, e Équion. Cadmo aliou-se a eles e a neta de Ctônios, Nictéis, casou-se com Polídoro, filho-sucessor de Cadmo. Équion casou-se com Ágave, uma das suas quatro filhas criando, assim, relações de parentesco entre seus descendentes e os *spartoi*, seus aliados.

Cadmo posteriormente "migrou" (foi deposto?) para a Ilíria, junto com Harmonia (e segundo alguns com Polídoro), foi acolhido pelos enquéleos, tornou-se seu rei e teve um filho, Ilírio. Polídoro tornou-se o rei de Tebas, normalmente ascendendo ao poder do "pai", como seu "filho" sucessor⁹², mas logo foi apeado do poder. Pode-se concluir, pelo relato de Pausânias, que Cadmo tornou-se rei de Cadméia, pelas armas, em meio à desordem da guerra civil, o que, para Sêneca, teria sido a causa de todos os males da realeza tebana⁹³. Na ausência de Polídoro, emergiu Penteu, o filho de Équion, que era homem poderoso, não só por seu nascimento, como por sua amizade com Cadmo. No entanto, por impiedade, foi morto por Dionísios. Sucendo Polídoro, Lábdaco, seu filho pequeno, fora confiado ao avô materno, Nicteus, que assumiu a regência da realeza em Tebas⁹⁴. É possível que houvesse, entre Penteu e Polídoro, antagonismo talvez ligado ao culto de Dionísios, fato confirmado por Apolodoro, ao relatar ter Penteu tratado injuriosamente Dionísios, ao observar seus ritos, no Citerão, onde foi despeçado pelas Mênades⁹⁵.

É possível, por outro lado, que tenha havido aproximação entre Cadmo-Polídoro e os Ctônios, por ligações dos dois grupos com o culto dionisíaco, opostos a Penteu, inimigo deste culto, que se teria unido posteriormente a Lábdaco, e ambos perseguidos e mortos por Dionísios. Estas contingências talvez expliquem as deposições de Cadmo e de Polídoro do poder, como decorrentes das lutas ligadas à instauração desse culto, na cidade.

Por este tempo, Epopeu, continua Pausânias, rei de Corinto e Sicfone apaixonara-se por Antíope, mulher de grande beleza, e filha de Nicteus. Raptou-a "sem a ter pedido ao pai", o que provocou uma guerra entre Corinto e Tebas, vencida por Epopeu, em que Nicteus foi ferido e morto. Antes de morrer, Nicteus designou, como regente, Lico, seu irmão, o que incluía a tutela de Lábdaco, o herdeiro de Polídoro. Com a morte de Epopeu, seu sucessor *Koronós*, entregou Antíope a Lico, terminando o litígio entre Corinto e Tebas. Antíope, a caminho de Tebas, deu à luz a um par de gê-

meos, que tinha concebido de Epopeu, Zeto e Anfião, que foram abandonados porque Lico não os queria em Tebas⁹⁰.

Ao se tornar adulto, Lábdaco assumiu o poder, mas logo foi morto pelo mesmo motivo pelo qual morrerá Penteu — o da não aceitação do culto dionísíaco⁹¹, deixando um filho pequeno, Laio, que novamente ficou sob a tutela de Lico, o regente de Tebas. Cumpre ressaltar, na sequência destes episódios, a função de guardião-regente que Lico detinha, em relação aos Labdácidas, semelhante à que Creonte exercerá, mais adiante, em relação aos mesmos Labdácidas. Os filhos de Antíope, Anfião e Zeto, ao se tornarem adultos, invadiram Tebas, com tropas, e Laio foi mandado ao reino de Pélope, na Élide, resguardado, para preservar a linhagem real de Tebas⁹². Mataram Lico, tomaram-lhe o poder, uniram Cadmeia à parte baixa da cidade, construíram um muro, e lhe deram o nome de Tebas⁹³.

Os descendentes de Anfião, os Nióbidas, filhos de Anfião e Níobe, irmã de Pélope, foram “mortos por Apolo e Artemis” expressão que Marie Delcourt identifica como “morte súbita” que, segundo Pausânias, deveu-se a uma peste (baseando-se na *Miniada*, epopéia de Pródico de Focea⁹⁴) e o filho de Zeto, Ítilo, foi morto por sua mãe, inadvertidamente. Desta forma extinguiu-se a linhagem de Clônios.

Após a morte dos Nióbidas e a extinção do ramo dos Clônios, assumiram a liderança da política tebana, Meneceu e Creonte, portanto, a linhagem de Équion.

Laio, ao se tornar adulto, retornou a Tebas, vindo acochado e amaldiçoado por Pélope-Apolo, em decorrência de acontecimentos graves e deprimentes, provocados por seu comportamento “esquerdo” em casa de seu hospedeiro, onde provocara a morte de Crisipo o herdeiro de Pélope, na versão dos trágicos.

Segundo Pierre Chantraine,¹⁰⁰ *Laiós* é adjetivo que significa “esquerdo, à esquerda”, empregado no contexto militar, substantivado na glosa *laiba*, “nome de um escudo e também do que carrega este escudo no braço esquerdo”, o que era normal, no contexto militar grego. Sabe-se que, no exército grego, a ala esquerda era a de menor prestígio. Segundo o mesmo autor, *Laós* significa “povo, em oposição aos chefes”. Marie Delcourt liga o vocábulo *Laiós* a *Publius*, como significando ambos “representantes do povo” e Carlo Ginsburg cita Höfer, in *Oidipus*, que associa “Laio” (público), como um dos nomes de Agesilao, significando “o que reúne muita gente”¹⁰¹. Não se pretende desenvolver este tema, apesar de sedutor, porque não há documentação suficiente para que se proponham hipóteses. Apenas citam-se estas referências. É possível que tenha havido algum componente militar, na ascensão de Laio ao poder, mas não se possui apóio documental para o desenvolvimento de tal discussão.

Laio assumiu o poder, como rei legítimo, descendente de Lábdaco, e se casou com Jocasta, filha de Meneceu e irmã de Creonte, da linhagem de Équion, mas não poderia "unir-se" realmente a esta linhagem. Era interdito de procriar e, se o fizesse, cometeria "incesto", porque se ligara ao "ramo materno", de sua linhagem, o que explica a interdição ao nascimento de Édipo.

Pode-se, pelo relato de Pausânias, constatar que a linhagem paterna de Cadmo constituiu-se por Polídoro, Lábdaco e Laio, sustentada e tutelada pelas linhagens de Ctônios e de Équion. A primeira atuando na minoridade de Lábdaco e parte da minoridade de Laio, e a segunda, em parte da minoridade de Laio. A partir da morte dos Niôbidas e da expulsão de Anfião, a condição de Laio, de tutelado, deixou-lhe vestígios, mesmo depois de sua ascensão à condição de rei. Nota-se, portanto que havia uma linhagem real, considerada legítima, notoriamente mais fraca que as outras duas, estas últimas descendentes de grupos militares, os *Spártioi*. Apresentavam-se como linhagens do tipo clânico-segmentar¹⁰³, que se alternavam na direção da vida político-militar de Tebas, em sua primeira fase, até o advento de Édipo.

A observação do quadro genealógico permite a inferência de que, a partir da tomada do poder por Édipo, a realeza tebana unificou-se, pela extinção dos Ctônios e pelo casamento-aliança de Édipo com a linhagem de Équion-Creonte. A partir de Édipo, governaram seus "filhos". Édipo teria assumido a filiação de Laio, ao tomar o poder, por tradição, uma vez que não eram conhecidos seus "pais", a não ser os adotivos, os reis de Corinto. Vencera por sua evidente supremacia militar e os sucessores de seu poder foram seus "filhos", Polínices e Etéocles. A partir do reinado de Édipo, Tebas teria passado da organização tribal, à condição de estado, do que conhecemos como palaciano, mas descrito pela história "heróica" grega, que não conheceu as realezas palacianas.

O terceiro período da realeza tebana foi o de sua desagregação, em função das facções criadas durante o governo de Édipo que, procurando resolver seus problemas pela luta armada, a esfacelaram.

As guerras, que caracterizaram o fim do reinado de Édipo na chamada "guerra de Carneiros"¹⁰⁴ foram realizadas em duas etapas: a primeira fase, nomeada "Sete contra Tebas"¹⁰⁵ e a segunda fase a travada dez anos depois¹⁰⁶, a dos "Epígonos".

Podem-se identificar, no fim do reinado de Édipo, o aparecimento de algumas facções políticas internas, em Tebas, com ligações externas:

- a) a facção "Polínices"-Argos-Arcádia-Messênia-Micenas e a facção "Tídeu", da Etólia¹⁰⁷;

b) a facção "Étéocles-Creonte"-focídios-flégios-mínios¹⁰⁸;

c) a facção "Édipo-Antígona"-Teseu¹⁰⁹.

A atuação destas facções políticas promoveu as guerras citadas e a destruição de todos os descendentes passíveis de assumir o poder, tanto da linhagem de Édipo (Polnícios-Étéocles-Tersandro-Laodamante-Tisámemo-Auctésio), como na de Creonte (Hémon, Meneceu e Mecisteu), esfacelando a realeza tebana e levando à destruição da própria cidade, que foi facilmente dominada pelos beócios.

O rei, em Tebas, detinha um poder baseado na força militar, no prestígio religioso e na riqueza. A *Tebaida*¹¹⁰ apresenta os sintomas da disputa dos filhos de Édipo pelo poder, quando descreve "o louro Polnícios" usando a mesa de prata de Cadmo — dispondo da riqueza real — e lhe mandando a parte a que tinha direito, no sacrifício, como a atribuída a um inferior, desprestigiando-o e despojando-o da riqueza da coroa, portanto de seus atributos reais.

Tebas era cidade de imensa riqueza. Sêneca descreve suas riquezas pastoris — seus rebanhos de ovelhas, de cabras, de cavalos e de bovinos; sua riqueza agrária — por seus campos cultivados; e suas florestas, ricas em veados, leões e ursos¹¹¹. O gado possuía imensa importância no tempo. Hesíodo denomina os beócios "domadores de cavalos"¹¹² e Homero chama os tebanos de "domadores de homens"¹¹³. A riqueza tebana em gado foi atributo dos reis¹¹⁴, motivo de cobiça que levou à guerra. O próprio estabelecimento de Cadmo, na Beócia, decorreu de um oráculo de Apolo que o mandou seguir uma vaca do rebanho de Pelagonte, e se fixar onde ela "caísse", esgotada¹¹⁵. Pode-se concluir que Cadmo seguiu o gado e se fixou onde lhe fora propício. O gado era ainda, segundo Homero, meio de troca, no período heróico¹¹⁶. Hesíodo atribui ao gado o fator promotor das guerras entre Tebas e Argos¹¹⁷ e Homero chama a atenção para o fausto e a riqueza da realeza tebana¹¹⁸.

Polnícios lutou contra Étéocles por sua parte "nos muitos bens de nosso pai", porque "nobres nada valem se são pobres"¹¹⁹, buscando riquezas para garantir, possivelmente, seu status na aliança com Argos. Isto porque riqueza aumentava-lhe o prestígio e força. O prestígio do rei era consagrado em ritos, nos quais deveria receber determinada parte da vítima, o ombro, ao invés da que lhe enviaram seus filhos, a anca, desprestigiando-o¹²⁰.

Todo o poder adquirido por Édipo veio-lhe por seu desempenho no plano militar: matara o "pai"-rei numa guerra, claramente descrita, com todo seu aparato guerreiro, com arautos, carros, cavalos e palafreireiro¹²¹, derrotara a "Esfinge" — decifrando-lhe o "enigma" — que pilhava a região, num campo de devastação e morte, "cercada por cadáveres e por ossos esbranquiçados"¹²².

O poder, baseado nas armas e na discórdia, fora instalado em Tebas, desde a chegada de Cadmo que, ao tomar assento na Beócia, atacara o dragão de Ares (deus da guerra), provocara a luta entre os habitantes (luta dos *Spartoi*) e, para compensar o dano causado ao deus, fora condenado por um tribunal divino a servir a Ares, como escravo, por oito anos (guerreando).

O caráter militar do poder, portanto, parece evidente, quando se analisa a realeza tebana. Penteu assumiu o poder após derrotar Cadmo e Polídoro¹²⁷; Penteu e Lico, forças militares, tutelaram Labdaco¹²⁸; Lico tutelou Laio¹²⁹; Anfião e Zeto derrotaram Lico e lhe tomaram o poder¹²⁹. Laio foi tutelado por Creonte; Édipo conquistou Tebas militarmente, e os "filhos de Édipo" disputaram o poder, não só numa guerra, mas também decidindo a questão entre eles, num duelo. Seus "filhos" lutaram entre si, numa guerra, dez anos depois, a dos Epígonos, contemporânea da guerra de Tróia.

O poder, na realeza tebana, desta forma, parece frágil e sua manutenção pelo rei-"pai" difícil, como se pode constatar na desconfiança de Édipo em relação a Creonte e a Tirésias, no Primeiro Episódio, e na ameaça até de banimento, no Segundo Episódio de *Édipo-Rei*, de Sófocles. Tal fragilidade institucional da realeza fazia com que ela dependesse muito da atuação individual do rei, e o poder real poderia ser fragilizado e discutido, fosse por um mau desempenho militar, fosse por um sacrifício truncado, ou pela presença permanente de "regentes"¹²⁷, que agiam como sustentadores militares do equilíbrio social.

Pelo que se vem demonstrando, a forma de sucessão do poder, na realeza tebana, no período palaciano-"heróico" era por morte, na maioria dos casos, ou por exílio-banimento, como aconteceu possivelmente com Cadmo-Harmonia, que "largaram" o trono, em Cadmeia e se dirigiam à Ilíria, passando a viver entre os enqueleos¹²⁸, ou com Édipo que, na versão dos trágicos foi deposto e exilado¹²⁹. No entanto, nas versões de Homero e Hesíodo Édipo morreu em Tebas, onde "caiu", num duelo¹³⁰, Polídoro, Penteu, Labdaco, Nicteus, Lico, Laio, Polínices, Etéocles, Tersandro e Laodamante foram mortos, em lutas, o que consagra o princípio de sucessão por morte, na transmissão do poder, na realeza tebana.

7. Morte

Como "morte" considera-se o óbito – natural ou não – ou o afastamento do poder pelo rei, por deposição ou por exílio, ou por ambos. Neste sistema pode-se observar que:

- a) Alguns autores descrevem que Édipo morreu, em Tebas, na condição de um rei honrado e glorificado, merecedor de grandiosos jogos fúnebres, em pleno gozo do poder, como o fazem Homero,

Hesíodo, Píndaro e Pausânias. Este último critica severamente Sófocles, dizendo que a tumba de Édipo, que existia em Atenas, continha os ossos do herói trazidos de Tebas, e discute a validade da versão de Sófocles, tomando como prova o testemunho de Homero¹³¹.

b) Outros não tratam da morte de Édipo. É o caso dos poemas cíclicos, de Epimênides, Hecateu, Ferécidas, Píndaro, Helânico, Corina e Aristófanes.

c) Os trágicos, especialmente, fazem-no morrer após ter sido expulso por Creonte, como o fez Sófocles, no *Édipo-Rei*; ou exilado em Colono, burgo de Atenas, sob a proteção de Teseu, e aí enterrado, como uma força protetora a Atenas, para onde fora em companhia de Antígona, segundo Sófocles, in *Édipo em Colono*; Eurípides, in *As Fenícias* e Apolodoro¹³².

d) Higino o fez fugir de Tebas, em companhia de Antígona, mas o fez suicidar-se¹³³.

e) Sêneca o fez exilar-se sozinho, arrependido, como forma de expiação por seu crime, a morte do "pai", para ele seu maior crime¹³⁴.

Tais relatos apenas permitem a conclusão de que sua morte ter-se-ia dado em situação de litígio, de luta: ou em Tebas, como rei, onde foi vencido, ou em Colono, em litígio com os "filhos", vingando-se deles e de Creonte, ao proteger, com seu *hierón*, Atenas, em companhia da "filha"-aliada Antígona, sob a proteção de Teseu, um rei hostil à Tebas.

De qualquer forma, num duelo ou no exílio, a ação demolidora dos "filhos-facções", pretendentes ao trono de Édipo, foi o que determinou o fim de seu reinado, em Tebas. Fosse por sua legitimidade discutível, fosse pela realidade indiscutível da sucessão do mais fraco pelo mais forte.

Notas:

1 PAUSÂNIAS, X, 5, 3.

² PÍNDARO. PYTHIQUES, IV, XII, 23-45 e OLYMPIQUES II, II, 264; HOMERO ILIADE, XXIII, 677 e ODISSÉIA IX, 276 e seq.; SÓFOCLES. OEDYPE-ROI, OEDYPE EN COLONNE E ANTIGONE; HESÍODO. CATALÓGO DE LAS MUJERES. LES TRAVAUX ET LES JOURS e ESCUDO; EURÍPIDE. LES PHÉNICIENNES E LAS SUPLICANTES.

³ Sobre as datas das Tragédias, cf. in LESKY, Albin. A TRAGÉDIA GREGA, São Paulo: Ed Perspectiva, s/d.

⁴ In: BUCK, Robert J. A HISTORY OF BOIOTIA, Edmonton: University of Alberta Press, 1979, p.p. 45-54.

⁵ In: PAJARES, A. FRAGMENTOS DE ÉPICA GRIEGA ARCAICA, Madrid: Ed. Classica Gredos, 1979, p.p. 43-55.

⁶ Idem, p. 43.

⁷ OD. XI, 272 e seq.

⁸ PAUSÂNIAS. XI, 50, 10-11.

⁹ PAUSÂNIAS. I, 28,7 e 30,4.

¹⁰ THÉOGONIE. III, 1-6.

¹¹ APOLODORO. III, 1-6.

¹² OVÍDIO. CHOIX DES METAMORPHOSES, III, 6-13; HIGINO. FAB., 178.

¹³ PAUSÂNIAS. IX, 5,1-2.

¹⁴ FRANCIS Vian, In: LES ORIGINES DE THÈBES — CADMO ET LES SPARTES, Paris: Khencksieck, 1963, p.p. 69-93, discute a relação de Cadmo com os fenícios.

¹⁵ HOMERO. ILIADE. IV 385-391; V, 800-810.

¹⁶ In: HISTÓRIA NOTURNA. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, p.p 203-205.

¹⁷ PAUSÂNIAS. X, 5, 3 e 4.

¹⁸ APOLODORO, III, 5, 8.

¹⁹ *Resumo de Píandros*, In: FRAGMENTOS DE ÉPICA, p.p. 44-46.

²⁰ DIODORO. IV, 64, 4.

²¹ HIGINO. FAB. 57.

²² ÉDIPO, 770-780.

²³ APOLODORO. III, 5, nota 67.

²⁴ EURÍPIDES. LES PHÉNICIENNES, 35-36.

²⁵ PAUSÂNIAS. IX, 5,4.

²⁶ In: EPÍGONOS, Fr. 3; CORINA, Fr. 19. Page e PAUSÂNIAS. IX, 19,1.

²⁷ TIMEU, 42.

²⁸ DIODORO. IV, 64, 3 e 4.

²⁹ OD. XI, 56, 155 e 209.

- ³⁰ ALCESTE, 222 e 260.
- ³¹ EDIPODIA, Fr. 2; APOLODORO, III, 5,8; FAB. 67; ÉDIPO 93-5 e 100.
- ³² Od. XI, 88, 96, 98, 143, 148, 154 e 228 e EURÍPIDES, Las Suplicantes, in: TEATRO GREGO, vol I. Madrid: Ed Aguilar, 1978, p. 704.
- ³³ GERNET, Louis y BOULANGER, André. In: EL GENIO GRIEGO EN LA RELIGIÓN. México: "Uteha", 1960, p.p. 43 e 98, nota 1
- ³⁴ OLYMPIQUES, II, II, 1
- ³⁵ REP. III, 392 A. LEIS IV, 717 e seq.
- ³⁶ HEINZE, R. XENÓCRATES, p.p. 91 e seq. e DIETRICH, A. NEKYA, Berlin-Leipzig, 1913.
- ³⁷ BANQUETE, 202 e seq.
- ³⁸ LES TRAVAUX ET LES JOURS, 122.
- ³⁹ GERNET, L. e BOULANGER, A. Idem, p. 169.
- ⁴⁰ HARRISON, J. E. PROLEGOMENA TO THE STUDY OF GREEK RELIGION, Cambridge, 1908, p.p. 165 e seq.
- ⁴¹ GERNET, L. e BOULANGER, A. Idem, p. 171.
- ⁴² LES PHÉNICIENNES, 1020.
- ⁴³ APOLODORO, III, 5, 8 e EL RESUMO DE PISANDRO.
- ⁴⁴ EL RESUMO DE PISANDRO.
- ⁴⁵ ÉDIPO, 87 — 100
- ⁴⁶ III, 5, 8.
- ⁴⁷ IX, 26,2.
- ⁴⁸ FÁBULAS, 57
- ⁴⁹ PAUSÁNIAS, IX, 26, 3 e 4.
- ⁵⁰ EDIPODIA, Fr. 2; PISANDRO. Idem; APOLODORO, Ibid.
- ⁵¹ Idem
- ⁵² Ibid.
- ⁵³ EURÍPIDES. Ibid, 35; DIODORO IV, 64, 2 e HIGINO, Ibid.
- ⁵⁴ HIGINO. Ibid.
- ⁵⁵ EL RESUMO DE PISANDRO: EDIPODIA, Fr. 2. Allen; APOLODORO. Ibid.
- ⁵⁶ APOLODORO. Ibid e SÓFOCLES OEDYPE-ROI, 119.

- ⁵⁷ EL RESUMO DE PISANDRO e APOLODORO. *Idem*.
- ⁵⁸ HIGINO, *Ibid*.
- ⁵⁹ IX, 26,2.
- ⁶⁰ APOLODORO. *Idem*.
- ⁶¹ OEDYPE-ROI, 394 e 440-1.
- ⁶² *Idem*.
- ⁶³ APOLODORO, III, 5, 2 e 5.
- ⁶⁴ HOMERO. OD. IX, 272 e seq. e EDIPODIA, Fr. 1.
- ⁶⁵ ÉSQUILO. LOS SIETE CONTRA TEBAS, 182-187; SÓFOCLES, *Idem*, 367-9, 413-14, 422-24, 260 e seq., 1130-50; OEDYPE EN COLONNE, 345-50, 575-90 e 1086.
- ⁶⁶ OEDYPE-ROI, 1235-63. *Idem*
- ⁶⁷ ÉDIPO, 1025-1035.
- ⁶⁸ EURÍPIDES. *Idem*, 1180, 1190, 1435-6 e 1495 e seq.
- ⁶⁹ VIAN, Francis. *Idem* p.p. 206-215.
- ⁷⁰ *Idem*, 1045.
- ⁷¹ OEDYPE-ROI, 384-390.
- ⁷² TEBAIDA, Frs 2 e 3; HESÍODO. CATALOGO DE LAS MUJERES, 193, EDIPODIA. HELÁNICO, Fr. GH, 100 e 161, PÍNDARO. *Idem*, 11, 43.
- ⁷³ ODISSEIA, XI, 272.
- ⁷⁴ ÉSQUILO. *Idem*, 166, 176-7 e 188; SÓFOCLES. OEDYPE EN COLONNE, 344-5, 395, 435-6, 578-9, 690-702, 1468 e seq., 1572. EURÍPIDES. *Idem*, *passim*. APOLODORO. *Idem*, III, 5, 8; DIODORO. IV, 65,4; HIGINO. FAB., 68 e ATENEU, 4566.
- ⁷⁵ EL RESUMO DE PISANDRO e PAUSÁNIAS IX, 5, 3 e 12.
- ⁷⁶ SÓFOCLES. ANTÍGONE *passim* e EURÍPIDES. *Idem*, *passim*.
- ⁷⁷ TEBAIDA, Frs. 2 e 3.
- ⁷⁸ *Idem*. 60-65, 110, 250-5; ÉSQUILO, *Idem*, 178-87.
- ⁷⁹ APOLODORO, III, 6, 3.
- ⁸⁰ LES DEIPNOSOPHISTES, 456, b.
- ⁸¹ IX, 5, 16.

- ⁸² EURÍPIDES. *Idem*, 800, 870-5 e seq.
- ⁸³ *Idem*, *passim*; *Idem*, *passim*. IV, 32; Frs. 2 e 3; ILÍADE, IV, 377, e IX, 5, 12 e 9, 1-3.
- ⁸⁴ 990-1035.
- ⁸⁵ *passim*.
- ⁸⁶ EURÍPIDES. *Idem*, 425-430 e PAUSÂNIAS, IX, 9, 2.
- ⁸⁷ EURÍPIDES, *Idem*, 474-5 e HESÍODO. *Idem*, 161-3.
- ⁸⁸ PAUSÂNIAS, *Idem*.
- ⁸⁹ SÓFOCLES. *Idem*, *passim*.
- ⁹⁰ EURÍPIDES. LAS SUPLICANTES, *passim*.
- ⁹¹ SÓFOCLES. ANTIGONE e OEDYPE EN COLONNE e EURÍPIDES. LES PHÉNICIENNES.
- ⁹² PAUSÂNIAS, IX, 5, 1-3.
- ⁹³ *Idem*, 15, 27-8, 31, 710-50.
- ⁹⁴ PAUSÂNIAS, IX, 5, 4.
- ⁹⁵ III, 5, 5 e EURÍPIDES. BACANTES, *passim*.
- ⁹⁶ PAUSÂNIAS, 11, 6, 2 e 3.
- ⁹⁷ APOLODORO, 111, 5, 5.
- ⁹⁸ PAUSÂNIAS, IX, 5, 5.
- ⁹⁹ HOMERO. *Od.* IX, 263.
- ¹⁰⁰ DELCOURT, Marie. *Idem*, p.p. 103 e PAUSÂNIAS, IX, 5, 9.
- ¹⁰¹ In: DICTIONNAIRE ÉTYMOLOGIQUE DE LA LANGUE GRECQUE. HISTOIRE DES MOTS. Paris: Ed. Klincksieck, 1984, p.p. 614 e 619.
- ¹⁰² DELCOURT, Marie. *Idem*, p. 102 e GINSBURG, Carlo. *Idem*, p. 342.
- ¹⁰³ BALANDIER, Georges. ANTROPO-LOGIQUES. Paris: P.U.F. 1954, p. 59 e SHALINS, Marshal. AS ILHAS DA HISTÓRIA, p. 70.
- ¹⁰⁴ HESÍODO. LES TRAVAUX ET LES JOURS, 161-3.
- ¹⁰⁵ ÉSQUILO. *Idem*, *passim* e EURÍPIDES. LES PHÉNICIENNES, *passim*.
- ¹⁰⁶ EPÍGONOS, *passim* e PAUSÂNIAS, IX, 5, 13-16.
- ¹⁰⁷ PAUSÂNIAS, IX, 9, 2; ILÍADE, IV, 376-38; EURÍPIDES. *Idem* e ÉSQUILO. *Idem*.
- ¹⁰⁸ PAUSÂNIAS, IX, 36, 1 e EURÍPIDES. *Idem*.

- ⁹⁹ SÓFOCLES OEDYPE EN COLONNE E ANTIGONE, *passim*; EURÍPIDES, *Idem, pass.*, e LAS SUPLICANTES, *passim*.
- ¹⁰⁰ Frs 2 e 3 e ATENEU, X, 456, b.
- ¹⁰¹ *Idem*, 125-165.
- ¹⁰² ESCUDO, 24.
- ¹⁰³ ILÍADE, III, 75.
- ¹⁰⁴ *Idem*, I, 154-5, 375 e 474-5.
- ¹⁰⁵ APOLODORO, III, 4, I. HELLANICUS. BOIOTIKA (FGH I, 4, f. 51).
- ¹⁰⁶ ILIADE, II, 449 e VI, 236.
- ¹⁰⁷ LEX TRAVAUX ET LES JOURS, 161-163.
- ¹⁰⁸ ILIADE, IV, 385 e V, 710-805.
- ¹⁰⁹ EURÍPIDES. LES PHÉNICIENNES, 422-3.
- ¹¹⁰ TEBAIDA, Fr. 3.
- ¹¹¹ PAUSÂNIAS, IX, 5, 10-11 e X, 5, 4. SÓFOCLES OEDYPE-ROI, 753; EL RESUMO DE PISANDRO; APOLODORO, III, 5, 8; HIGINO. FAB, 67; SÊNECA. *Idem*, 87-100; *Idem* V, 107, 11, 466 e XII, 120.
- ¹¹² PAUSÂNIAS, IX, 26, 2; APOLODORO, III, 5, 8 e SÊNECA. *Idem*, 87-100.
- ¹¹³ APOLODORO, III, 5, 2.
- ¹¹⁴ PAUSÂNIAS, II, 6, 2 e APOLODORO, III, 5, 5.
- ¹¹⁵ PAUSÂNIAS, IX, 5, 5.
- ¹¹⁶ PAUSÂNIAS, IX, 5, 6.
- ¹¹⁷ VIAN, Francis. *Idem*. p.p. 177-201.
- ¹¹⁸ APOLODORO, III, 5, 4.
- ¹¹⁹ ÊSQUILO. *Idem*; Sófoles, OEDYPE-ROI e OEDYPE EN COLONNE e EURÍPIDES, *Idem*.
- ¹²⁰ ILIADE, XXIII, 677-9. CATALOGO DE LAS MUJERES, 192.
- ¹²¹ *Idem*; *idem*, EL RESUMO DE PISANDRO e I, 28-9 e 30, 4.
- ¹²² III, 5, 9.
- ¹²³ FAB, 242.
- ¹²⁴ *Idem*, 107, 217; 646; 945-55; 990-95.